



Área sectorial	Competitividade Económica e Inovação (Pesca, Indústria, Comércio e Serviços às Empresas)			
Designação do documento	Diagnostico)			
Contacto da equipa	Paulo Madruga			
	Data	5	11	2007



NOTA INTRODUTÓRIA

O documento sobre as Orientações Gerais para a Elaboração dos Planos Regionais de Ordenamento do Território (PROT)¹ e a resolução do Conselho de Ministros nº 30/2006 de 23 de Março de 2006 que determina a elaboração do **PROT da região do Oeste e Vale do Tejo (PROTOVT)**, definem de forma clara os objectivos a atingir com a elaboração deste instrumento de planeamento, apontando para um processo de construção do PROT que procure integrar, igualmente, os principais avanços e ensinamentos recentes em matéria de planeamento e gestão estratégica de base territorial, entendendo este processo como uma forma de pensar e definir os futuros desejáveis e possíveis para uma dada região e de procurar concertar as decisões e medidas concretas prioritárias que devem ser implementadas visando uma melhoria da sua situação.

Neste contexto, o documento das Orientações Gerais indica que os trabalhos de caracterização e diagnóstico da Região devem ser *desenvolvidos num quadro de análise prospectiva no qual se avalia o papel futuro que a Região pode desempenhar no contexto nacional e internacional*. Os resultados desta análise devem contribuir para a definição da Visão que, por sua vez, orientará as propostas de intervenção a desenvolver no âmbito do PROT.

O processo de construção da Visão deve, por seu lado, resultar de uma síntese dos documentos de reflexão estratégica que estejam assumidos ao nível regional ou nacional e em caso de inexistência, a Visão terá que ser proposta no âmbito do processo de elaboração do PROT, *correspondendo assim à definição de uma estratégia de desenvolvimento regional*.

¹ SEOTC/MAOTDR, PROT 2006- Orientações Gerais para a Elaboração dos Planos Regionais de Ordenamento do Território, Novembro de 2005.

Este Relatório sistematiza um conjunto de elementos de suporte à elaboração do PROTOVT tendo como ponto de observação privilegiada a óptica da **competitividade económica e da inovação, para as actividades das pescas, indústria, comércio e serviços às empresas**, procurando realizar uma leitura territorial que possa ser partilhada com as restantes equipas sectoriais envolvidas na sua elaboração.

Neste sentido a leitura territorial do processo de desenvolvimento económico e social, na óptica da competitividade económica e da inovação, adopta uma noção de **território** que valoriza a sua compreensão enquanto rede institucional, económica e social implantada num espaço físico específico, isto é, uma noção que não seja confundida com convenções simplificadas ou delimitações rígidas de natureza administrativa.

A noção de **território** adoptada corresponde, neste contexto de multidisciplinaridade, a um conjunto, espacialmente polarizado, de recursos, pessoas, organizações, infra-estruturas, agentes (económicos, sociais, culturais e políticos, nomeadamente) e instituições (de representação, concertação e decisão, nomeadamente), susceptível de se afirmar como protagonista activo de um processo de desenvolvimento onde se possam concretizar estratégias de acção relativas à competitividade e à coesão económica e social.

A abordagem da coesão e da competitividade territorial obedece, neste quadro, a um processo de enriquecimento da análise (diagnóstico e avaliação) e de diferenciação da acção (concepção e execução) que, no caso da escala regional adoptada, se torna especialmente relevante e exigente, na medida em que, para além dos desafios específicos das relações entre as dimensões “micro” (óptica do espaço dos agentes da concorrência nos mercados, isto é, a “empresa”) e “macro” (óptica do espaço de legitimação das grandes escolhas democráticas, isto é, “Nação” ou “Estado”), se colocam, igualmente, os

desafios da integração de práticas, políticas e estratégias definidas e reguladas, em muitos casos, num contexto de exterioridade ou falta de correspondência territorial em relação à própria região.

1. DIAGNÓSTICO ESTRATÉGICO

A competitividade e coesão económica e social, enquanto processo de convergência das trajetórias regionais num contexto nacional ou supranacional, pressupõe, na sua génese, um desenvolvimento coerente e sustentável dos diversos subsistemas regionais, e como tal, assume-se, em simultâneo, como um forte condicionador e uma forte condicionante de uma realidade sistémica e pluridimensional resultante de processos económicos, sociais e políticos complexos, entendida como “competitividade e coesão territorial”.

Neste contexto, os trabalhos da elaboração do diagnóstico estratégico na área da competitividade económica e inovação (das actividades das pescas, indústria, comércio e serviços às empresas) procuram analisar:

- as dinâmicas recentes da inserção nacional e internacional: factores externos condicionantes da estrutura económica da região;
- a evolução recente do tecido produtivo, com particular destaque para as dinâmicas dos actores e dos territórios da região;
- a base territorial (o que está implantado e respectivas lógicas de localização);
- as potencialidades e fragilidades da região no contexto nacional e internacional.

O carácter prospectivo e sistémico da elaboração do diagnóstico estratégico pressupõe uma interacção e diálogo entre as diversas equipas temáticas que se encontram envolvidas na elaboração do PROTOVT sistematizando-se neste

ponto as três dimensões consideradas fundamentais para o desenvolvimento do diagnóstico estratégico que integra os diversos domínios e perspectivas de análise das várias equipas sectoriais: *i) a competitividade territorial entendida como a capacidade da região em criar riqueza e emprego de forma duradoura e sustentada; ii) as características do tecido e dinâmica empresarial regional; iii) a análise da especialização produtiva produtividade e grau de abertura da estrutura produtiva.* O diagnóstico termina com um contributo desta área de observação para a elaboração da análise SWOT da região do Oeste e Vale do Tejo.

A compreensão da dinâmica económica da região do Oeste e Vale do Tejo (OVT) pressupõe o desenvolvimento de um exercício de comparação do seu desempenho considerando diversas escalas territoriais. A análise efectuada nos pontos seguintes tomou como referenciais de comparabilidade as três NUTS III que constituem a região (Oeste – OES; Médio Tejo – MTE e Lezíria do Tejo – LTE), as NUTS II em que se encontram integradas (Centro –CE e Alentejo –AL) e ainda a Região de Polarização de Lisboa (RP-LIS).

A. Competitividade regional

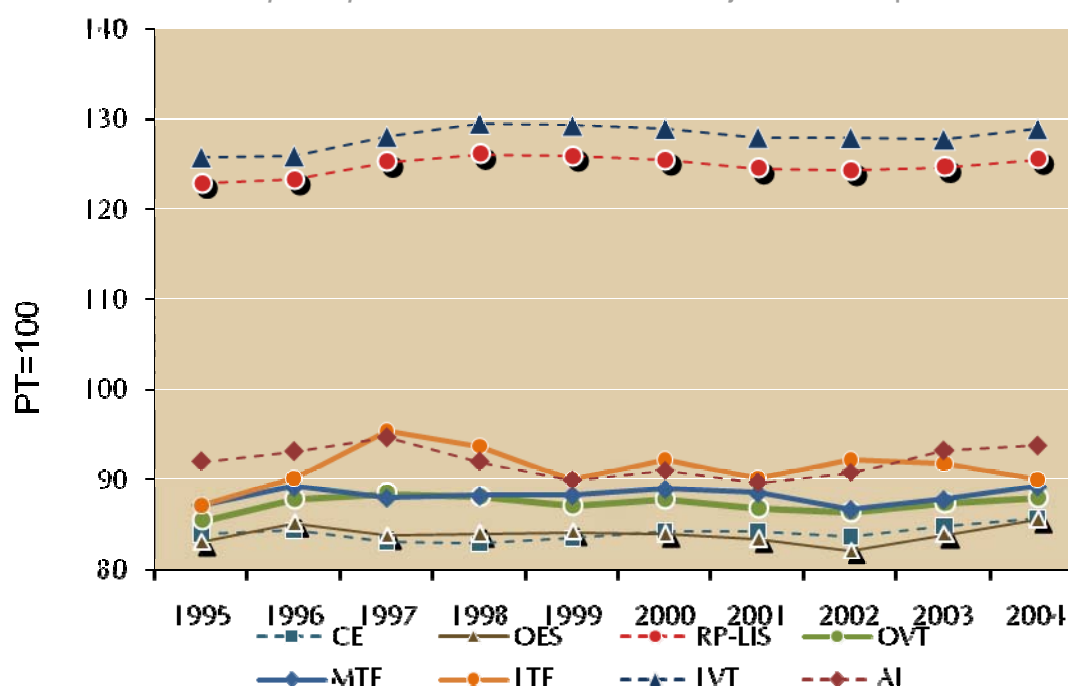
A região do Oeste e Vale do Tejo representa cerca de 8% da população nacional e 7,5% do valor acrescentado gerado no país. O PIB *per capita* da região, em 2004, é cerca de 12 pontos inferiores à média nacional revelando ao longo dos últimos 10 anos uma ligeira trajectória ascendente de convergência com a média nacional.

Em termos intra-regionais observa-se uma relativa homogeneidade no PIB *per capita*, variando entre 85,7 pontos da média nacional, na NUTSIII Oeste, e os 90 pontos da região da Lezíria do Tejo. Quando comparado com as NUTS II – Centro, Alentejo e Lisboa e com a Região de Lisboa e Vale do Tejo, verifica-se que o Oeste e Vale do Tejo se situa numa posição intermédia entre a região Centro (85,7) e o Alentejo (93,8) e claramente abaixo dos valores da NUTS

II Lisboa (141,1) e da região de Lisboa e Vale do Tejo, (128,8) (ver Figura 1).

Figura 1

PIB *percapita* no Oeste e Vale do Tejo e nas respectivas NUTS II



A observação dos valores para o período compreendido entre 2000 e 2004 evidenciam uma ligeira que convergência do Oeste e Vale do Tejo para os valores médios nacionais (ver Figura 2), com excepção da NUTS III Lezíria do Tejo e uma clara divergência no contexto Europeu, situação que é generalizada a todas as NUTS III do país (ver Figura 3).

Figura 2

Convergência das NUTS III do Oeste e Vale do Tejo no Contexto Nacional

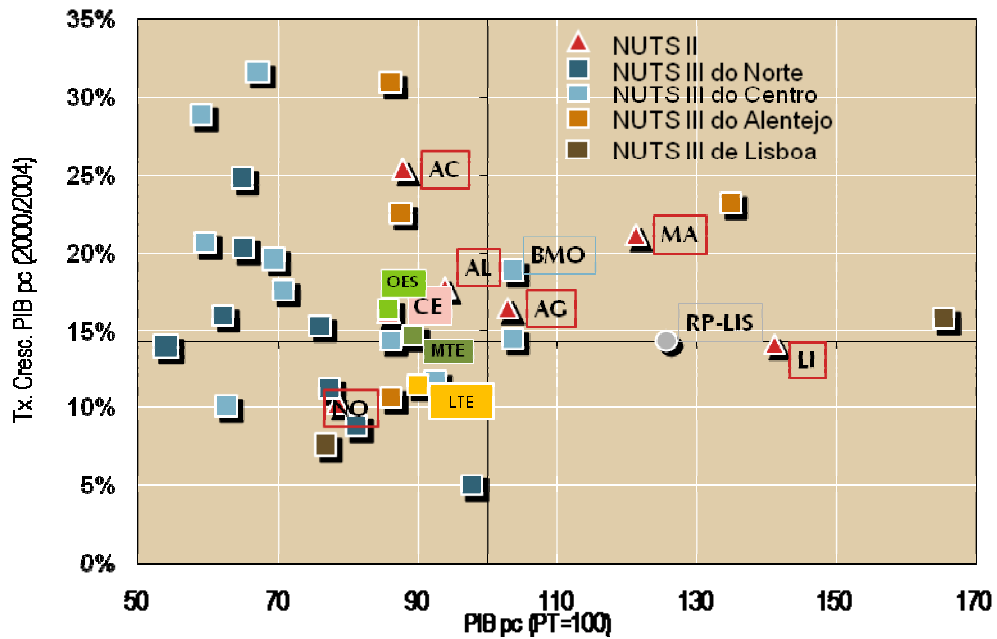
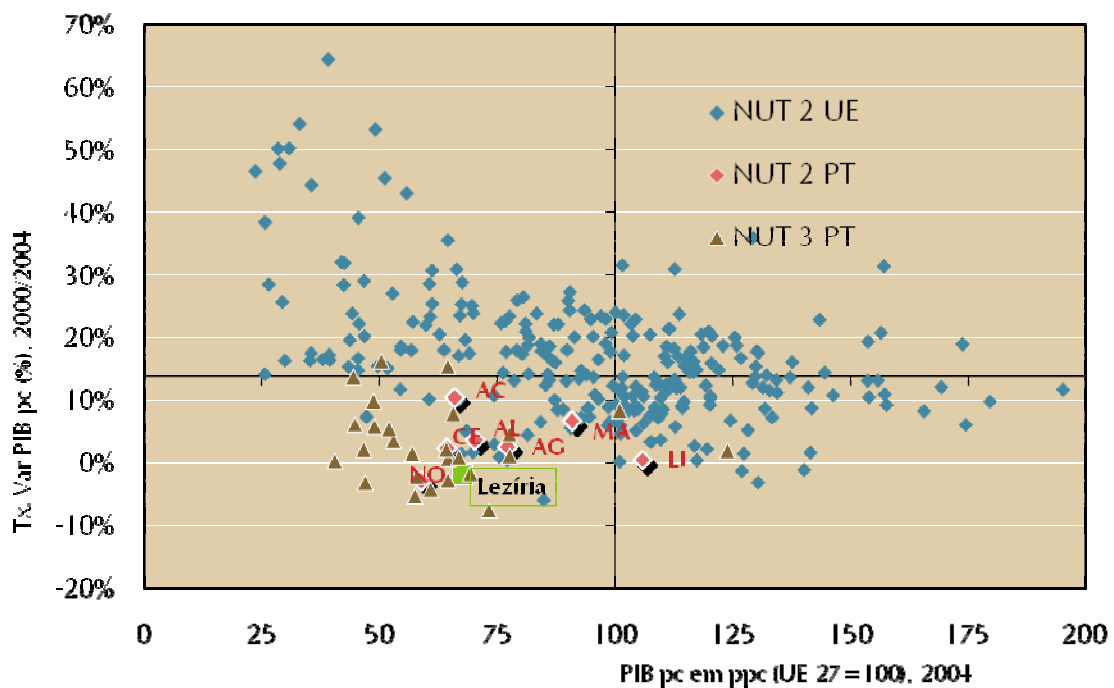


Figura 3

Convergência das NUTS III do Oeste e Vale do Tejo no Contexto Europeu

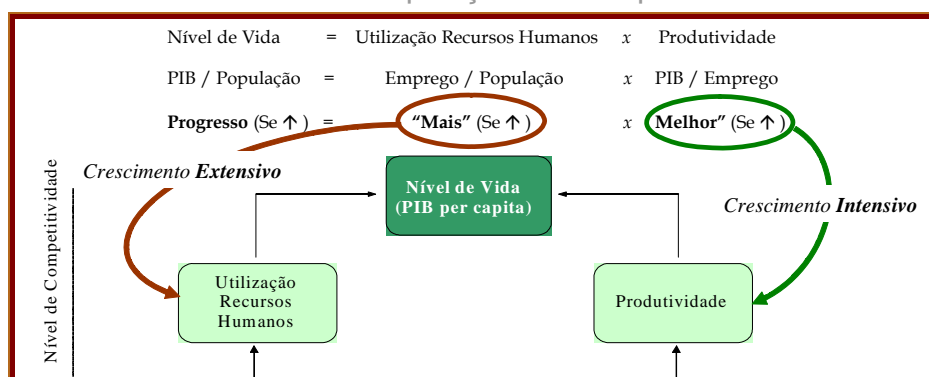


A decomposição do PIB *per capita* em produtividade e intensidade no nível de

utilização dos recursos humanos (ver Caixa 1) permite observar que, em termos de produtividade (ver Figura 2) a região apresenta um posicionamento relativo menos distanciado da média nacional (apenas 5 pontos) e dos valores observados para a NUTS II Lisboa e a região de Lisboa e Vale do Tejo e claramente superior ao valor da NUTS II Centro (cerca de 10 pontos acima). A ao longo dos últimos verifica-se uma ligeira divergência com a média nacional com a perda de dois pontos entre 1995 e 2003.

Caixa 1

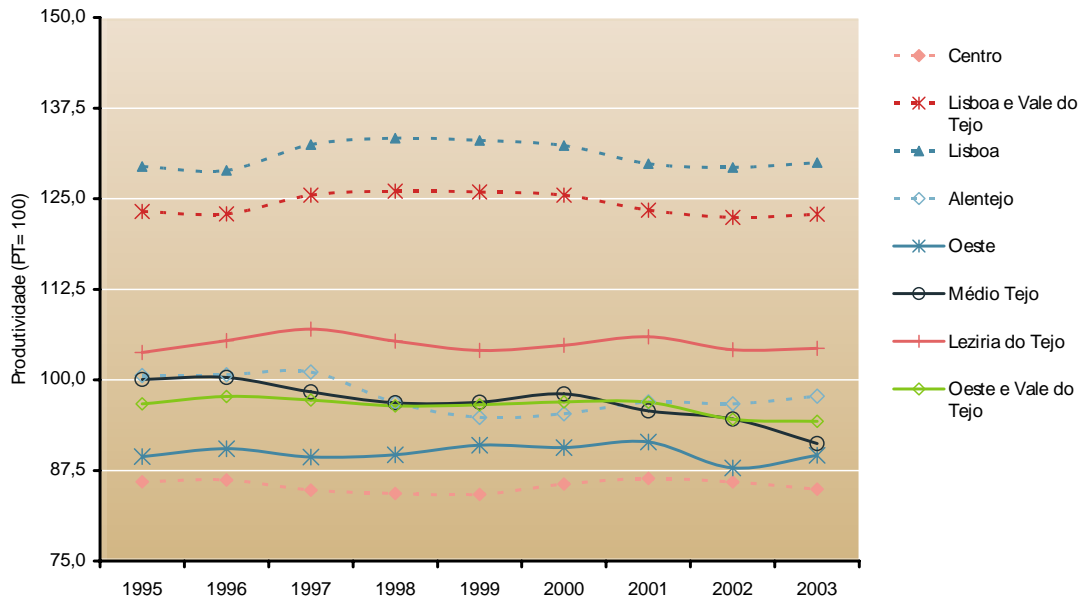
Decomposição da Competitividade Territorial



Estes resultados verificados em termos de produtividade encontram-se relativamente alinhados com os níveis de remuneração observados na região verificando-se um posicionamento semelhante das diversas NUTS III, nomeadamente registando o Oeste o nível mediano de remunerações mais baixo do Oeste e Vale do Tejo (cerca de 7 pontos inferior à média nacional em 2004) e a Lezíria do Tejo o valor mais aproximado ao valor da remuneração mediana nacional (apenas 2,5 pontos inferior à média nacional) – ver Figura 4.

Figura 4

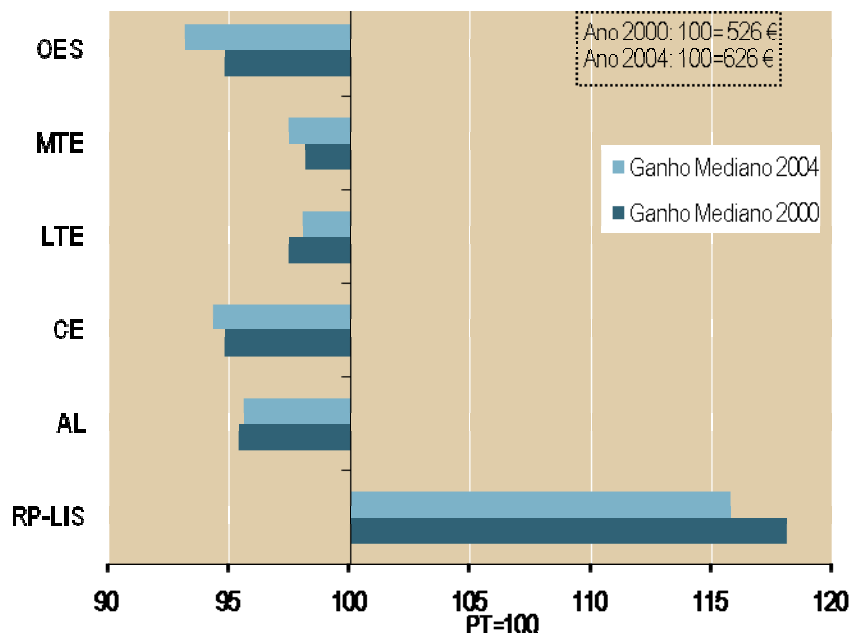
Produtividade no Oeste e Vale do Tejo e nas respectivas NUTS II



Fonte: INE, Contas Regionais

Figura 5

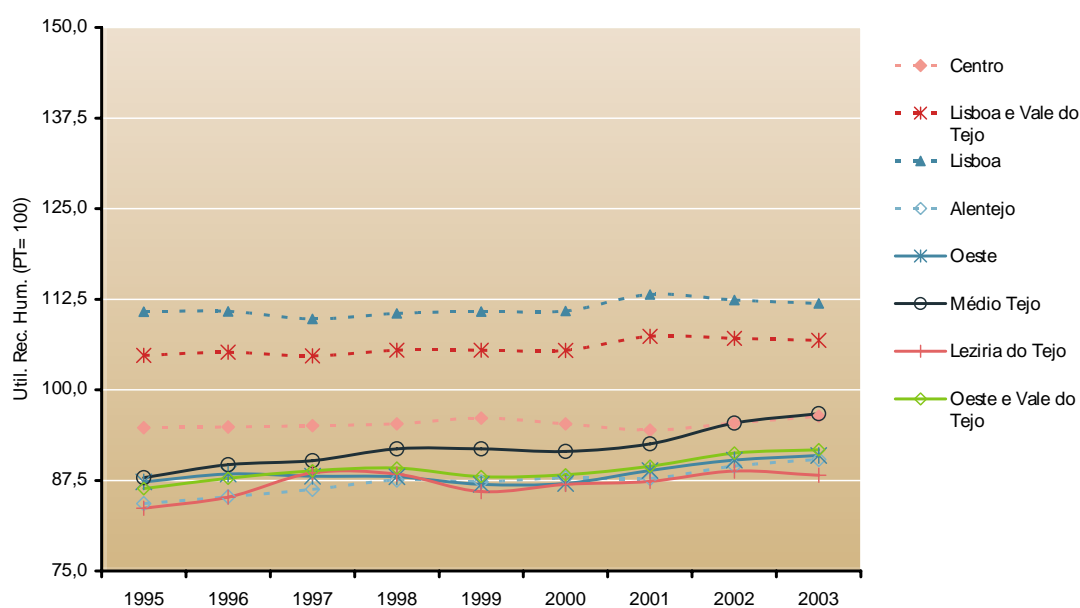
Remunerações Medianas



Em relação ao nível de intensidade na utilização dos recursos humanos (emprego/ população residente) o Oeste e Vale do Tejo apresenta valores inferiores à média nacional e igualmente inferiores aos valores da NUTS II Lisboa e Centro e da região Lisboa e Vale do Tejo e semelhantes aos valores da região Alentejo. Ao longo dos últimos anos verifica-se, uma tendência de convergência em relação à média nacional que mais do que compensa a divergência verificada em termos de produtividade e que justifica a ligeira convergência com a média nacional do PIB *per capita* registada pelo Oeste e Vale do Tejo.

Figura 6

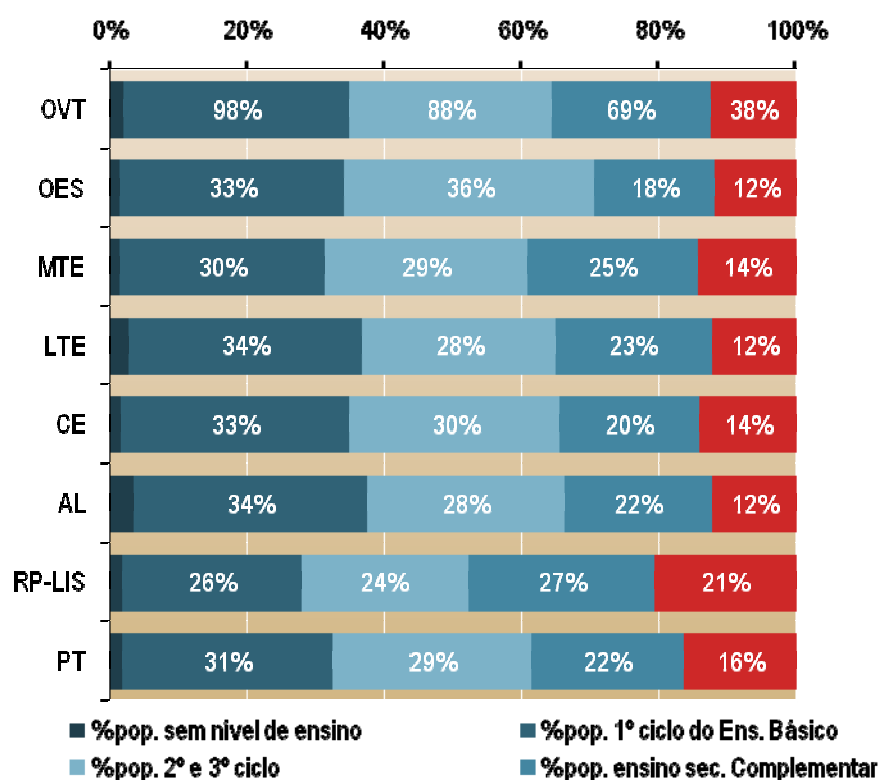
Nível de Utilização dos Recursos Humanos no Oeste e Vale do Tejo e nas respectivas NUTS II (Portugal =100)



Fonte: INE, Contas Regionais

A qualificação dos recursos humanos da região revela ainda uma grande debilidade quando comparados com os valores médios nacionais que como é sabido são valores que colocam Portugal no último lugar no contexto dos países da União Europeia a 25 (ver Figura 7).

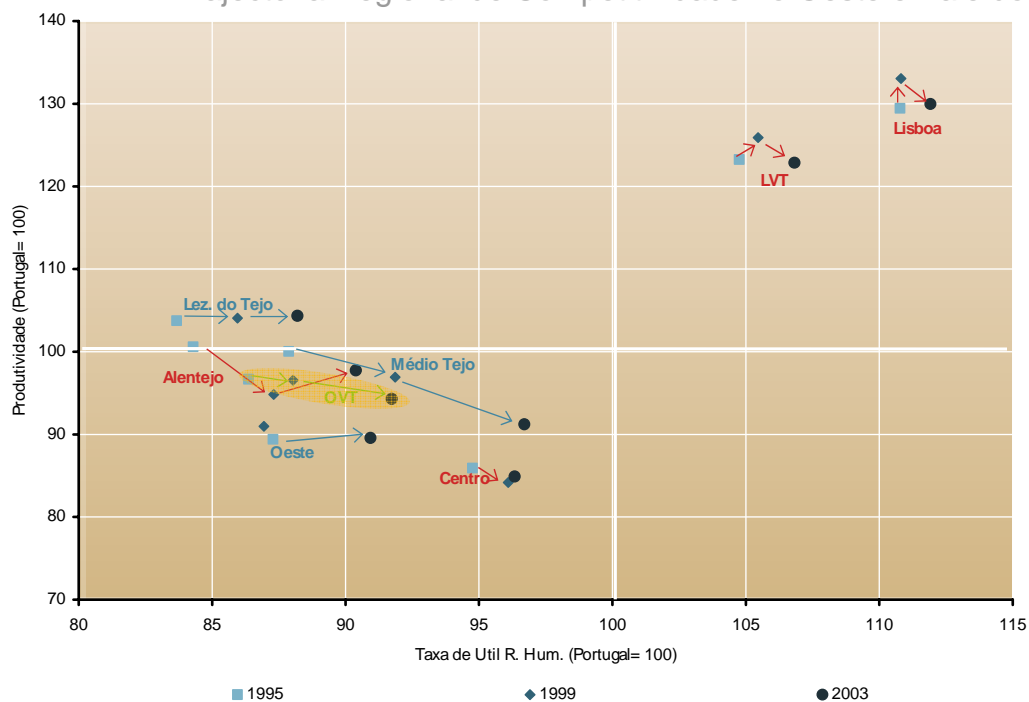
Figura 7
Habilitações



A representação das trajetórias de produtividade e intensidade dos recursos humanos, ao longo dos últimos anos (Figura 8) mostra com clareza que o processo de convergência registado é, quer para o conjunto da região quer para as diversas NUTS III, resultante de um aumento do nível de utilização dos recursos humanos, observando, pelo contrário, na produtividade, com excepção da Lezíria do Tejo, um ritmo de crescimento inferior à média nacional.

Figura 8

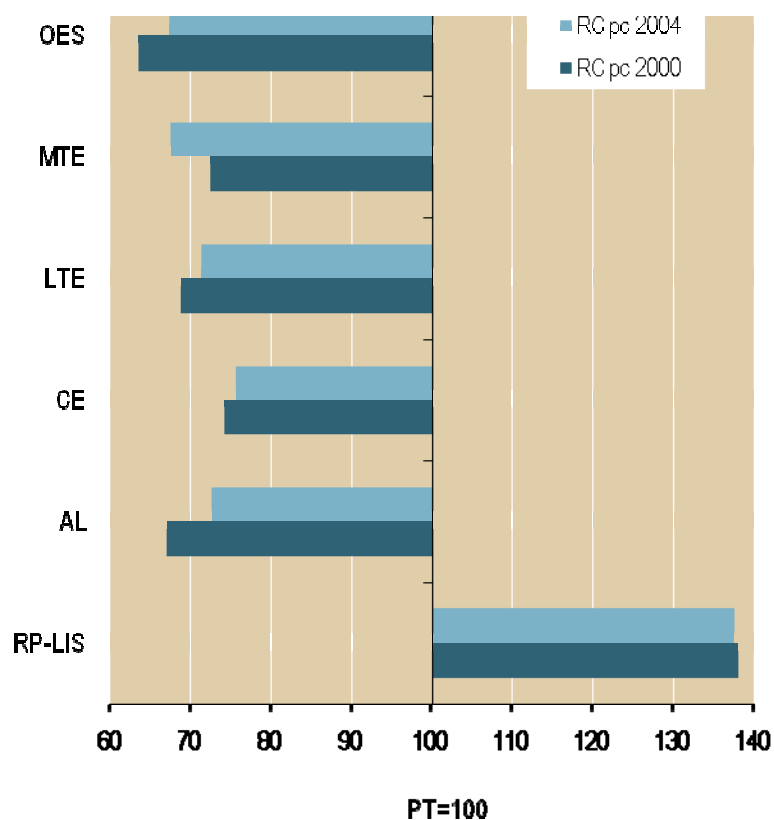
Trajectória Regional de Competitividade no Oeste e Vale do Tejo



Fonte: INE, Contas Regionais

O processo de redistribuição do rendimento assume-se do ponto vista territorial como um elemento que, no caso do Oeste e Vale do Tejo, coloca a região numa posição inferior e mais distanciada dos valores médios nacionais, não contribuindo para o reforço da coesão territorial nacional (ver figura 9).

Figura 9
Rendimento Colectável

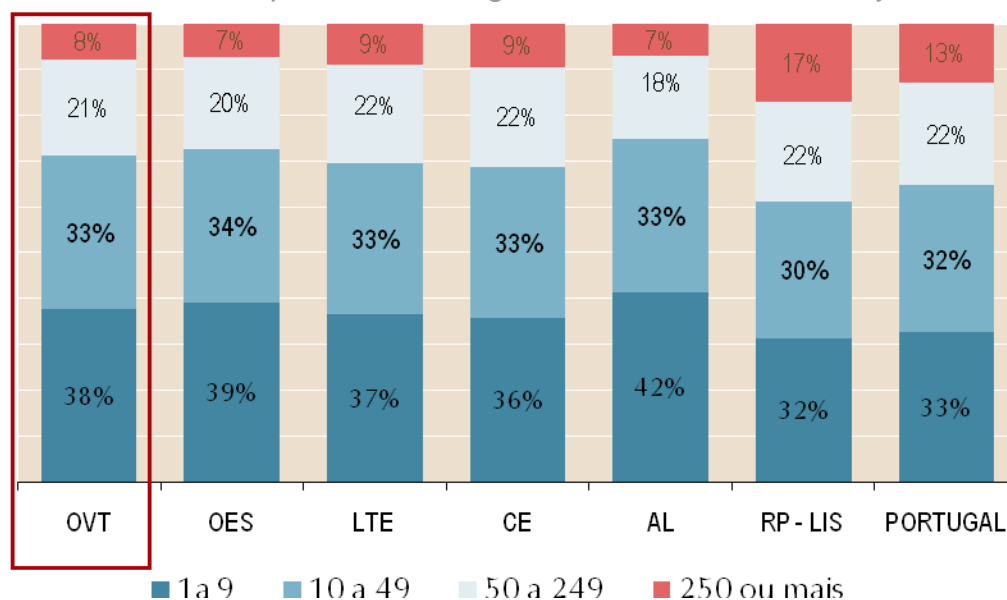


Dinâmica Empresarial

A região do Oeste e Vale do Tejo representa cerca de 9% do número de estabelecimentos empresariais nacionais com trabalhadores por conta de outrem e cerca de 8% do total nacional do pessoal ao serviço evidenciando desta forma um tecido empresarial com uma dimensão ligeiramente inferior ao total nacional (6,9 pessoas ao serviço por estabelecimento na região e 7,9 pessoas ao serviço por estabelecimento no conjunto do país).

Figura 10

Estrutura Empresarial da Região do Oeste e Vale do Tejo em 2004



Fonte: DGEEP, Quadros de Pessoal.

Em termos de evolução verifica-se no Oeste e Vale do Tejo e nas suas diferentes NUTS III uma variação do número de estabelecimentos (ver Quadro1) e do Pessoal ao Serviço (ver Quadro 2) superior aos valores observados para o total nacional e para o conjunto da região de Lisboa e Vale do Tejo. Em particular as regiões do Oeste apresentam valores de crescimento do número de estabelecimento e do pessoal ao serviço claramente superiores aos das restantes NUTSIII e NUTSII observadas.

No OVT o pessoal ao serviço em estabelecimentos com menos de 50 pessoas ao serviço representa 71,4% do total e apenas 64,8% no total nacional (ver Quadro 1). A evolução entre 1998 e 2004 revela, no entanto, um comportamento claramente diferenciado da região face ao comportamento do conjunto do país, em particular, observando-se um aumento do emprego regional em unidades empresariais com 500 e mais pessoas ao serviço (evolui de 2,9% para 4%) enquanto no conjunto do país se verifica uma diminuição

destas unidades (passam de 8,1% para 7,0% do pessoal ao serviço). Em anexo apresenta-se a lista dos estabelecimentos empresariais localizados na região com mais de 100 pessoas ao serviços.

Quadro 1

Estrutura Empresarial no Oeste e Vale do Tejo e nas respectivas NUTS II Número de estabelecimentos, 1998-2004

Número de Estabelecimentos - 1998								
Escalões de Dimensão	Oeste	Médio Tejo	Lezíria do Tejo	OVT	Centro	Alentejo	Lisboa e V. Tejo	Total Nacional
1 a 9	84,6%	85,1%	83,8%	84,5%	83,9%	87,1%	83,5%	82,9%
10 a 49	13,2%	12,6%	14,2%	13,3%	13,7%	11,6%	14,0%	14,6%
50 a 249	2,0%	2,0%	1,9%	2,0%	2,3%	1,2%	2,3%	2,3%
250 a 499	0,1%	0,1%	0,1%	0,1%	0,1%	0,1%	0,2%	0,2%
500 e +	0,0%	0,1%	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	0,1%	0,1%
Total	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%

Número de Estabelecimentos - 2004								
Escalões de Dimensão	Oeste	Médio Tejo	Lezíria do Tejo	OVT	Centro	Alentejo	Lisboa e V. Tejo	Total Nacional
1 a 9	86,6%	86,0%	85,5%	86,2%	85,6%	87,7%	84,7%	84,5%
10 a 49	11,9%	12,4%	12,7%	12,2%	12,6%	11,0%	13,1%	13,4%
50 a 249	1,4%	1,5%	1,6%	1,5%	1,7%	1,2%	2,0%	1,9%
250 a 499	0,1%	0,1%	0,1%	0,1%	0,1%	0,1%	0,2%	0,1%
500 e +	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	0,1%	0,1%
Total	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%

Número de Estabelecimentos (Var. 1998-2004)								
Escalões de Dimensão	Oeste	Médio Tejo	Lezíria do Tejo	OVT	Centro	Alentejo	Lisboa e V. Tejo	Total Nacional
1 a 9	44,4%	20,9%	24,6%	32,7%	31,3%	11,3%	16,5%	21,4%
10 a 49	26,5%	17,4%	9,3%	19,2%	18,3%	4,6%	7,9%	9,7%
50 a 249	-2,1%	-10,8%	3,8%	-3,0%	-3,8%	13,1%	-1,0%	-1,2%
250 a 499	-20,0%	-11,1%	0,0%	-12,5%	9,0%	-5,6%	14,4%	2,8%
500 e +	166,7%	-50,0%	300,0%	75,0%	6,3%	33,3%	7,3%	-4,4%
Total	41,1%	19,7%	22,0%	30,2%	28,7%	10,6%	14,9%	19,2%

Fonte: CIRIUS (2006) SILATEE com base em DGEEP, Quadros de Pessoal.

Quadro 2

*Estrutura Empresarial no Oeste e Vale do Tejo e nas respectivas NUTS II
Pessoal ao Serviço, 1998-2004*

Pessoal ao Serviço - 1998								
Escalões de Dimensão	Oeste	Médio Tejo	Lezíria do Tejo	OVT	Centro	Alentejo	Lisboa e V. Tejo	Total Nacional
1 a 9	35,2%	34,1%	34,8%	34,8%	32,4%	41,6%	29,1%	30,0%
10 a 49	33,5%	30,3%	33,3%	32,6%	31,7%	33,7%	28,6%	31,3%
50 a 249	23,9%	24,5%	24,4%	24,2%	25,4%	17,7%	23,9%	24,5%
250 a 499	5,5%	5,6%	5,5%	5,5%	5,6%	4,1%	6,9%	6,2%
500 e +	1,9%	5,5%	2,0%	2,9%	4,9%	2,9%	11,6%	8,1%
Total	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%

Pessoal ao Serviço - 2004								
Escalões de Dimensão	Oeste	Médio Tejo	Lezíria do Tejo	OVT	Centro	Alentejo	Lisboa e V. Tejo	Total Nacional
1 a 9	39,5%	36,5%	36,8%	38,0%	36,0%	41,6%	30,6%	32,8%
10 a 49	33,5%	33,7%	32,9%	33,4%	33,0%	33,2%	29,0%	32,0%
50 a 249	19,1%	22,9%	21,5%	20,7%	21,6%	18,1%	22,0%	22,4%
250 a 499	3,4%	4,6%	4,1%	3,9%	5,1%	3,2%	7,5%	5,9%
500 e +	4,5%	2,2%	4,7%	4,0%	4,3%	3,8%	11,0%	7,0%
Total	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%

Pessoal ao Serviço (Var. 1998-2004)								
Escalões de Dimensão	Oeste	Médio Tejo	Lezíria do Tejo	OVT	Centro	Alentejo	Lisboa e V. Tejo	Total Nacional
1 a 9	38,4%	14,7%	19,4%	26,8%	25,2%	7,2%	11,6%	16,5%
10 a 49	23,6%	19,0%	11,5%	19,0%	17,2%	5,9%	7,7%	9,0%
50 a 249	-1,4%	0,1%	-0,4%	-0,7%	-4,4%	10,4%	-1,8%	-2,8%
250 a 499	-23,1%	-11,9%	-14,4%	-17,6%	2,4%	-16,0%	15,8%	1,1%
500 e +	198,1%	-56,3%	172,4%	61,4%	-1,6%	43,9%	0,9%	-8,7%
Total	23,5%	7,0%	13,1%	16,1%	12,5%	7,5%	6,3%	6,4%

Fonte: CIRIUS (2006) SILATEE com base em DGEEP, Quadros de Pessoal.

Figura 11

Taxa de Iniciativa Empresarial da Região do Oeste e Vale do Tejo

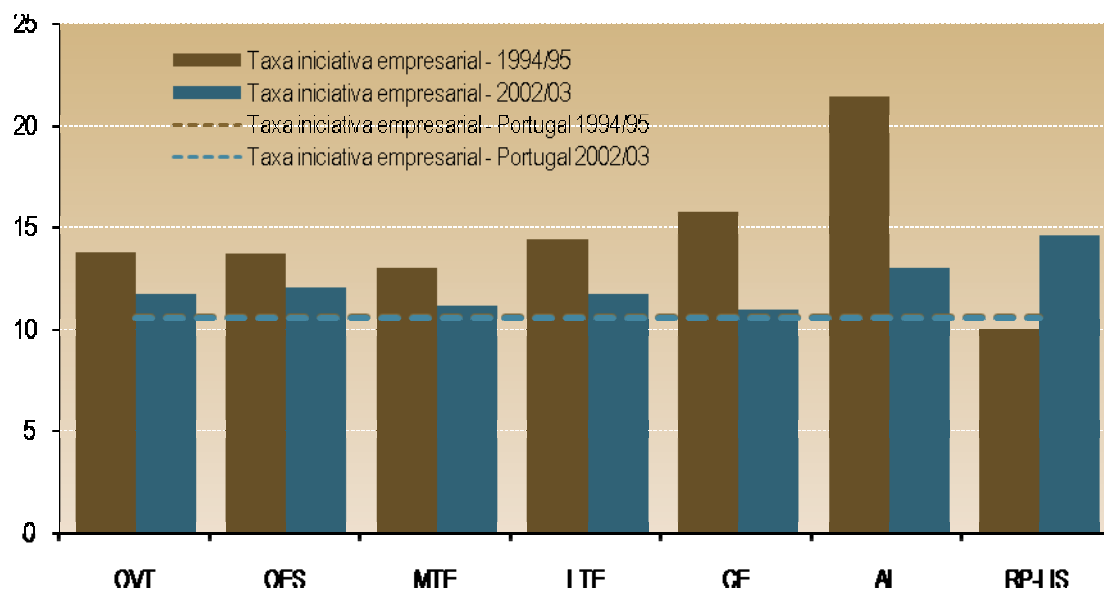
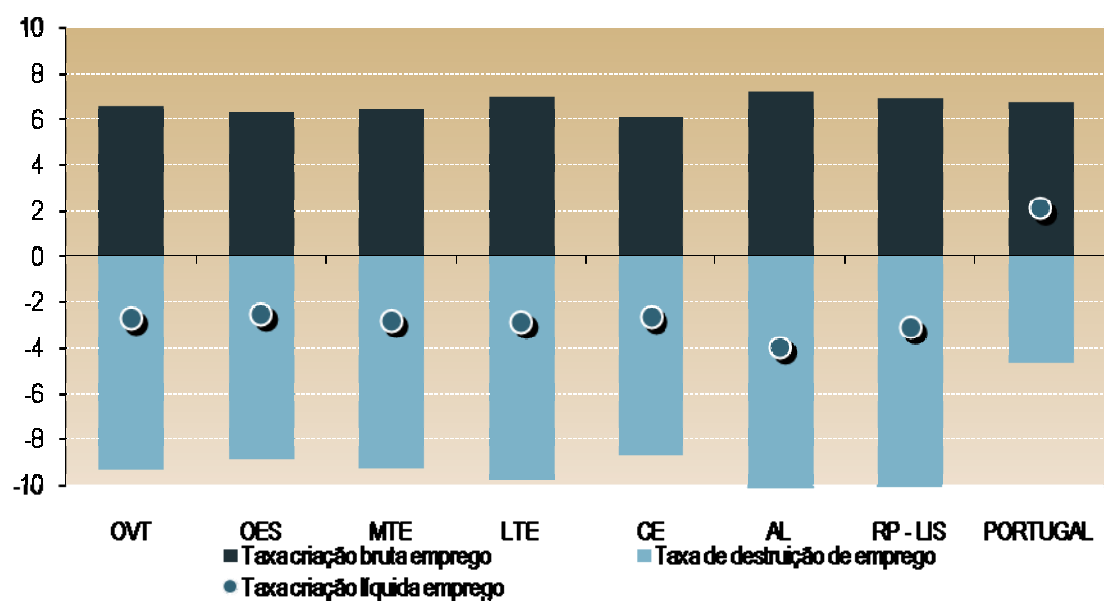


Figura 12

Taxa de de criação e destruição de emprego implícita nos movimentos iniciativa e encerramento de estabelecimentos



A observação dos movimentos de criação encerramento e mobilidade dos estabelecimentos empresariais no período 1998-2004 permite observar as principais tendências de transformação do tecido empresarial da região em que importa destacar:

- O elevado crescimento dos 240 estabelecimentos que emigraram neste período da AML para a região do Oeste e Vale do Tejo que registaram um crescimento do emprego 69,2% e, em particular os que se fixaram na NUTS III Oeste que registaram um crescimento de cerca de 132% (ver quadro 4 e 5 – passaram de 1159 pessoas ao serviço para 2688);
- Os estabelecimentos que se deslocaram da região para AML apenas registam um crescimento no conjunto de 18,4% verificando-se que no caso dos estabelecimentos que se deslocam do Oeste e Médio Tejo para AML registam variações negativas de emprego.
- A decomposição da variação positiva de 16,1% do pessoal ao serviço destaca a relevância do saldo fisiológico na variação do emprego bem com o peso do emprego criado na região OVT pelos estabelecimentos vindos da AML (14,9% da explicação da variação do emprego) sobretudo comparado com a importância dos movimentos de deslocalização com origem no resto do país (ver quadro 6);
- A decomposição da variação do pessoal ao serviço na região da AML mostra a importância da variação do emprego nas empresas que permanecem em funcionamento na região e, pelo contrário, a pouca expressão do emprego com origem em estabelecimentos que emigraram do OVT com destino à AML.

Quadro 3

Dinâmica Empresarial no período 1998-2004 *Nº de estabelecimentos*

		Situação em 2004						
		Oeste	M.Tejo	L.do Tejo	AML	R.País	Encerrados	Total
Situação em 1998	Oeste	6645	1	12	46	129	4923	11756
	M.Tejo	7	3551	64	13	48	3148	6831
	L.do Tejo	10	11	3682	31	11	3247	6992
	AML	157	12	71	44514	275	39833	84862
	R.País	27	100	16	260	102561	91178	194142
	Novo	9741	4503	4687	48750	132996		200677
	Total	16587	8178	8532	93614	236020	142329	505260

Fonte: CIRIUS (2006) SILATEE com base em DGEEP, Quadros de Pessoal.

Quadro 4

Dinâmica Empresarial no período 1998-2004 *Pessoal ao Serviço em 1998*

		Situação em 2004						
		Oeste	M.Tejo	L.do Tejo	AML	R.País	Encerrados	Total
Situação em 1998	Oeste	58396	4	158	958	1309	28598	89423
	M.Tejo	41	33344	586	239	744	18604	53558
	L.do Tejo	57	43	33892	318	194	20295	54799
	AML	1159	78	1580	517118	3214	309601	832750
	R.País	208	688	52	4144	1090826	597950	1693868
	Novo							
	Total	59861	34157	36268	522777	1096287	975048	2724398

Fonte: CIRIUS (2006) SILATEE com base em DGEEP, Quadros de Pessoal.

Quadro 5

Dinâmica Empresarial no período 1998-2004 Pessoal ao Serviço em 2004

		Situação em 2004						
		Oeste	M.Tejo	L.do Tejo	AML	R.País	Encerrados	Total
Situação em 1998	Oeste	65245	3	319	828	1479		67874
	M.Tejo	27	34240	560	211	759		35797
	L.do Tejo	97	41	35451	755	161		36505
	AML	2688	138	1940	531126	4171		540063
	R.País	190	919	74	5634	1101947		1108764
	Novo	42152	21990	23623	327651	694879		1110295
	Total	110399	57331	61967	866205	1803396		2899298

Fonte: CIRIUS (2006) SILATEE com base em DGEEP, Quadros de Pessoal.

Quadro 6

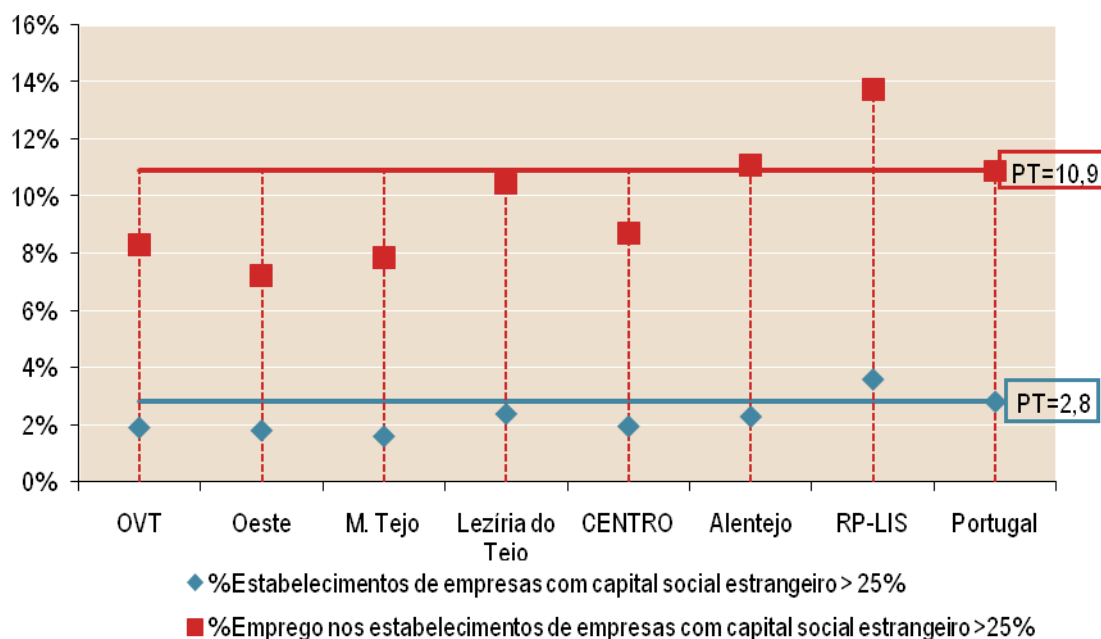
Dinâmica Empresarial no período 1998-2004 Decomposição da Variação do Pessoal ao Serviço

Região	Variação do emprego	Decomposição da Variação do Emprego						
		Var. Permanentes	Saldo Fisiológico	Entrada da "Outra" Região	Entradas do Resto do País	Saídas p/a "Outra" Região	Entradas do Resto do País	Total
OVT	16,1%	29,6%	63,5%	14,9%	3,7%	-4,7%	-7,0%	100,0%
AML	4,0%	41,9%	54,0%	5,4%	16,8%	-8,4%	-9,6%	100,0%
Total	4,0%	10,2%	88,5%	2,2%	3,8%	-0,9%	-3,8%	100,0%

Fonte: CIRIUS (2006) SILATEE com base em DGEEP, Quadros de Pessoal.

A presença de unidades empresariais com capital estrangeiro revela valores inferiores à média nacional e das NUTS II Centro e Alentejo, com excepção da Lezíria do Tejo que regista valores ligeiramente superiores aos observados para a região Centro (ver Figura 14).

Figura 14
Capital Estrangeiro

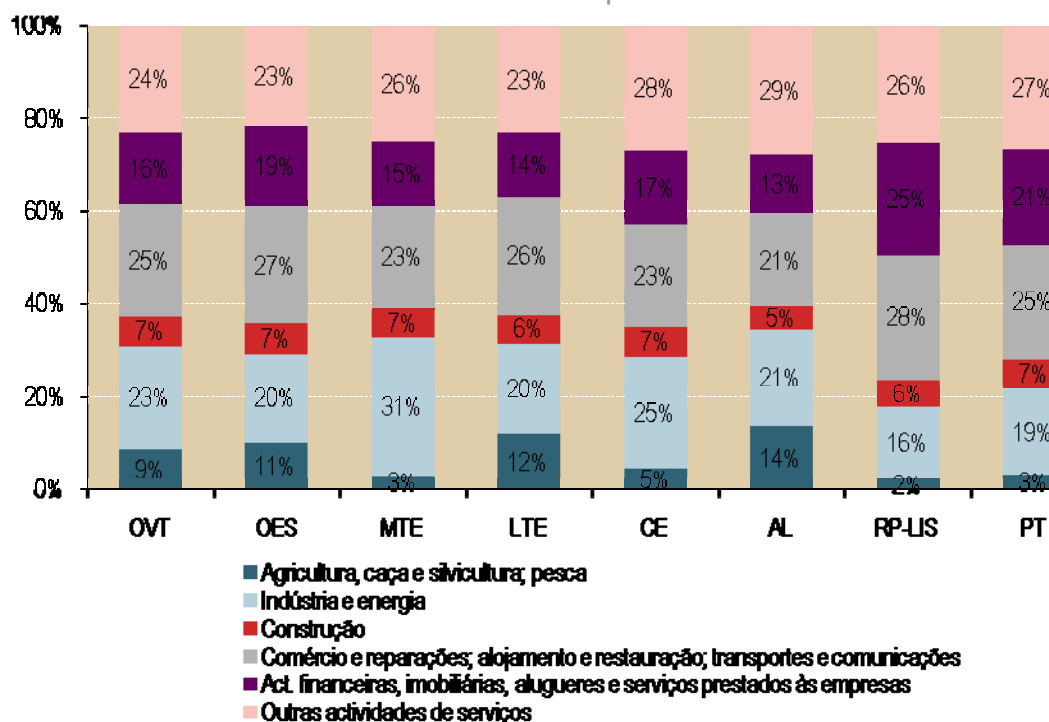


Especialização Sectorial

A análise da especialização produtiva da região evidência o peso do sector primário na actividade económica da região, em particular nas regiões da Lezíria do Tejo e do Oeste e, em contrapartida uma subespecialização no sector dos serviços às empresas (ver Figura 15).

Figura 15

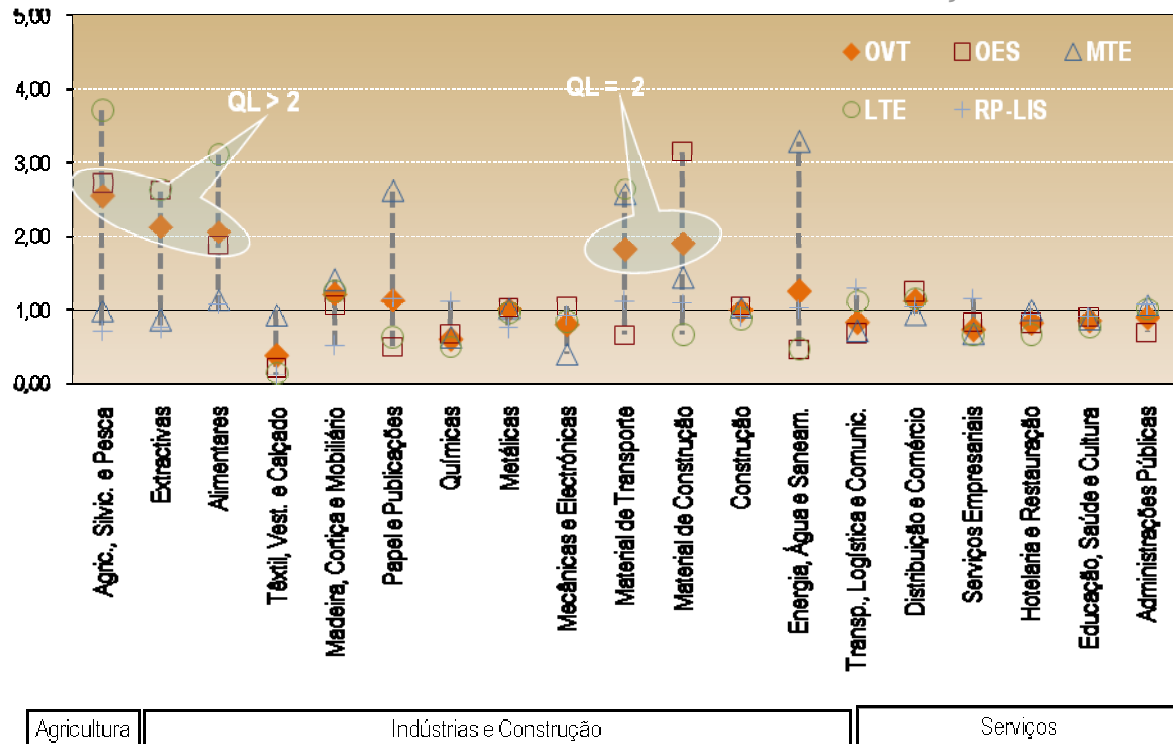
Estrutura do VAB por Sectores de Actividade em 2004



A análise detalhada do perfil de especialização mostra uma clara ligação entre a especialização no sector primário e forte presença da indústria transformadora alimentar, em particular na NUTS III Lezíria do Tejo. O Médio Tejo e Oeste confirmam a tendência de especialização da região para a transformação dos recursos naturais com a especialização respectivamente nos sectores do Papel e dos Materiais de Construção (ver Figura 16).

Figura 16

Quociente de Localização em 2004

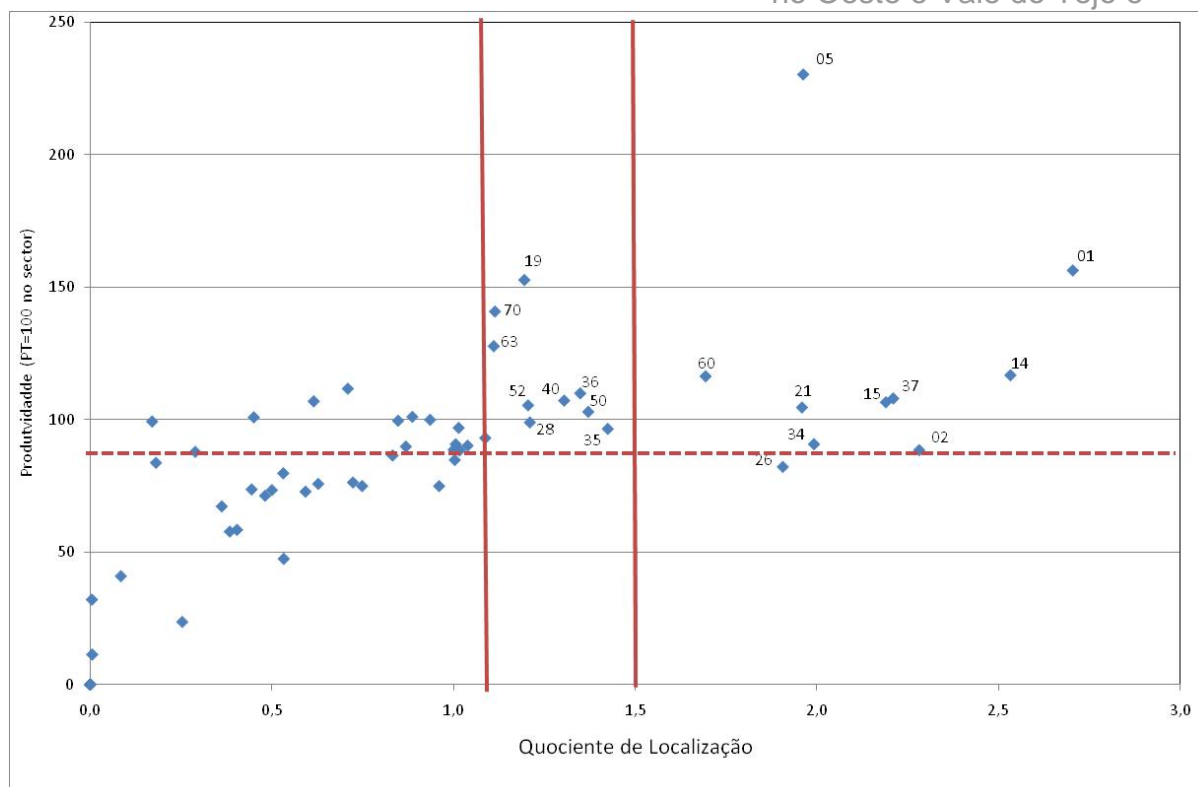


O cruzamento da especialização produtiva com os níveis de produtividade mostra com clareza que a região apresenta níveis de eficiência produtiva claramente superiores à média nacional na generalidade das actividades em que a região é especializada.

Da leitura da especialização e nível de eficiência produtiva resulta claramente a subespecialização regional no sector dos serviços e em particular o fraco nível de produtividade sectorial alcançado que impedem um melhor posicionamento relativo da região em matéria de performance competitiva.

Figura 18

Especialização produtiva e Nível de Produtividade no Oeste e Vale do Tejo e



Sectores de especialização

01	Agricultura e actividades dos serviços relacionados	26	Fabricação de outros produtos minerais não metálicos	50	Comércio e reparação de automóveis e de combustíveis
02	Silvicultura, exploração florestal e act. dos serv. relacionados	28	Fabricação de produtos metálicos	52	Comércio a retalho reparação de bens pessoais e domésticos
05	Pesca, aquacultura e actividades dos serviços relacionados	34	Fabricação de veículos automóveis, reboques e semi-reboques	60	Transportes terrestres; transportes por oleodutos ou gasodutos
14	Outras indústrias extractivas	35	Fabricação de outro material de transporte	63	Actividades auxiliares dos transportes; agências de viagem
15	Indústrias alimentares e das bebidas	36	Fabricação de mobiliário; outras indústrias transformadoras	70	Actividades imobiliárias
19	Curtimenta marroquinaria e calçado	37	Reciclagem		
21	Fabricação de pasta, de papel e cartão e seus artigos	40	Produção e distribuição de electricidade, de gás, de vapor		

Fonte: INE, Contas Regionais

A este perfil de especialização está associado um fraco grau de internacionalização e peso no conjunto das exportações nacionais.

Figura 19

Relação entre Sectores Transaccionáveis e serviços Internacionalizáveis e Agricultura, Construção e Comércio

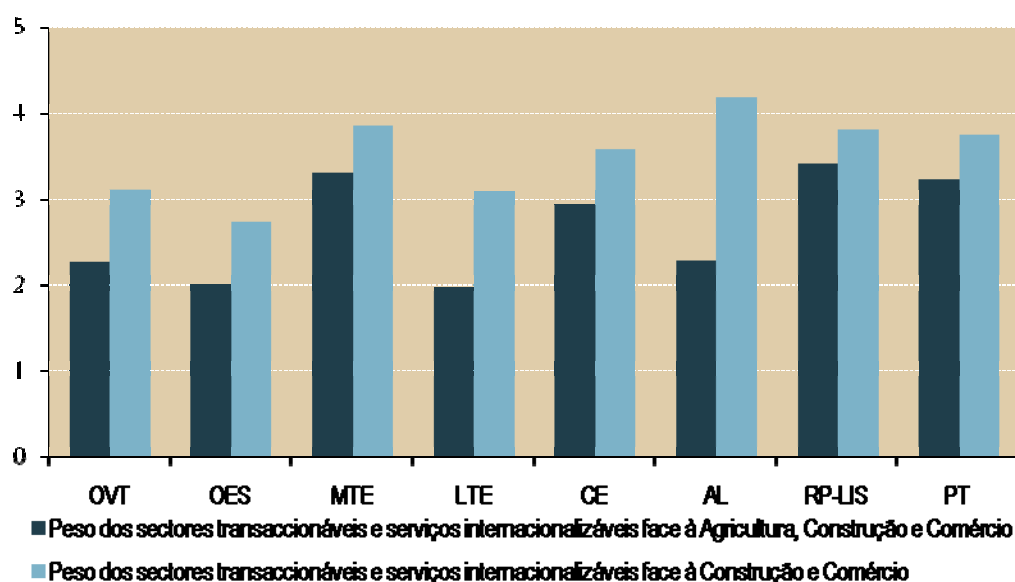


Figura 20

Exportações *per capita*

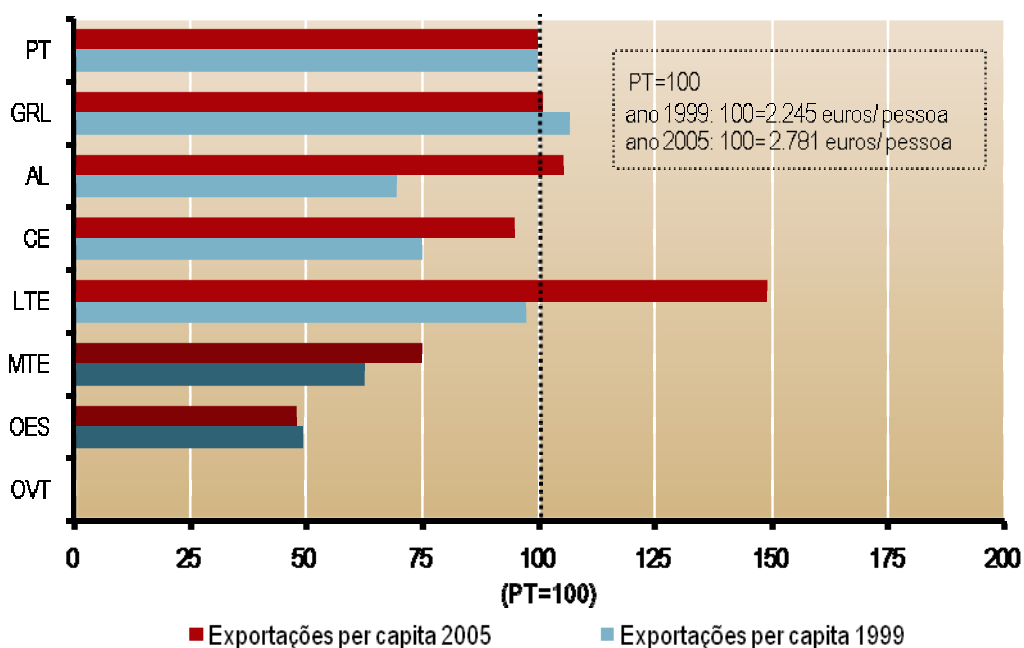


Figura 21

Especialização da indústria por factor chave de competitividade

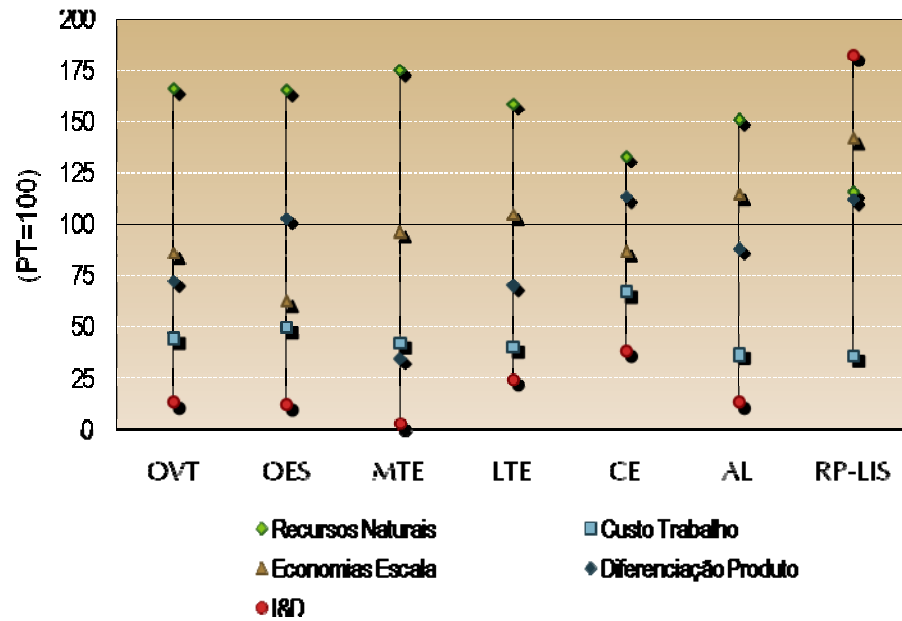
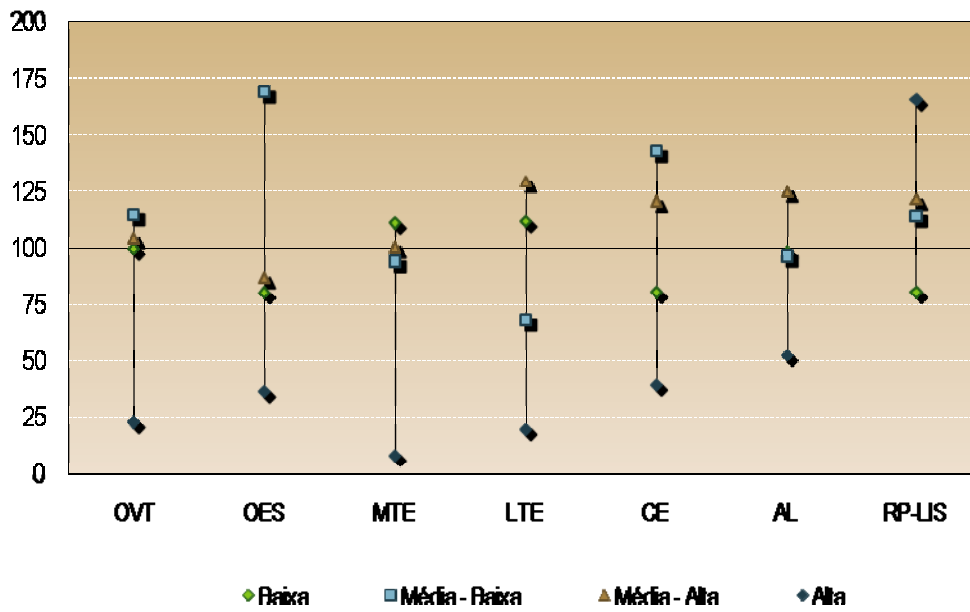


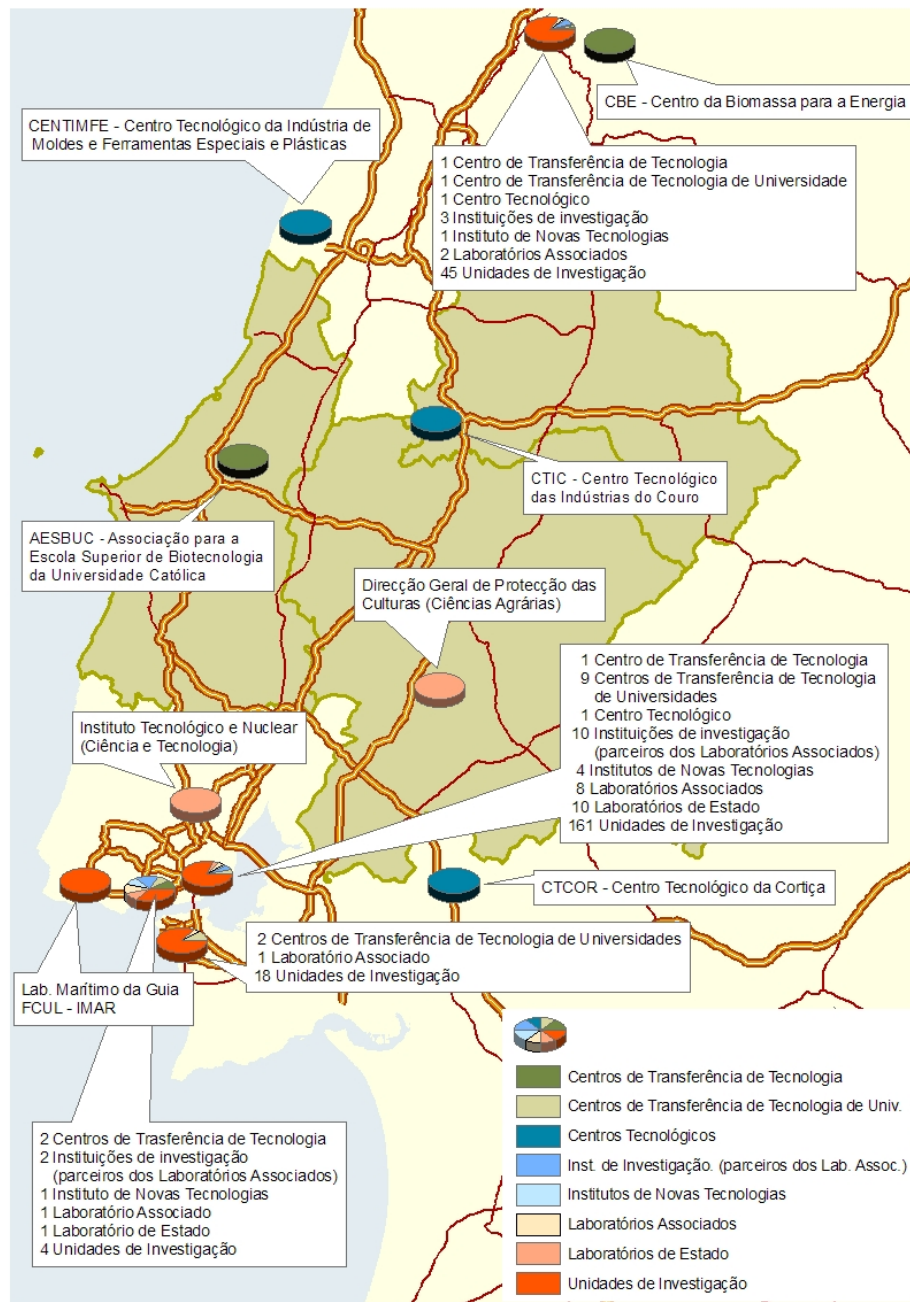
Figura 22

Especialização da indústria por graus de intensidade tecnológica



A região revela uma fraca presença de unidades do sistema C&T, superando esta lacuna através da proximidade geográfica a Lisboa onde se verifica a maior concentração de unidades C&T (ver figura 23).

Figura 23
Infra-estruturas de Investigação e Tecnológicas



A espacialização das actividades económica realizada com base numa tipologia que evidencia a especialização do território cruzada com a relevância nacional sectorial, para os diversos sectores de actividade com excepção da Agricultura e Pesca (ver Caixa 2) permite encontrar alguns elementos determinantes da localização das actividades económicas na região. Os resultados apresentados nas diversas representações sectoriais incluídas na Figura 24 evidenciam que as concentrações geográficas especializadas com relevância nacional situam-se nos principais centros urbanos da região e, em alguns casos, como por exemplo na indústria dos materiais de construção, ao longo de eixo rodoviários estruturantes da região.

No caso da Agricultura e das Pescas verifica-se uma forte concentração destas actividades no Oeste e Vale do Tejo representando a região cerca de 19 % do VAB da actividade do sector Agrícola e cerca de 14% no caso das Pescas.

Caixa 2

: Especialização e Localização das Actividades Económicas

A representação espacial do grau de especialização sectorial das actividades económicas foi efectuada, com desagregação ao nível da freguesia, com base em dois critérios: grau de especialização sectorial do território (Quociente de Localização superior a 1,5, significando especialização sectorial relevante face ao espaço nacional) e relevância sectorial ao nível nacional (considerou-se como relevante as freguesias que se situam entre as 5% maiores freguesias em termos de concentração do emprego no sector ao nível nacional).

O cruzamento entre este dois critérios definiu uma tipologia para a identificação dos territórios da região com especialização e ou relevância nacional dos diversos sectores de actividade:

- Territórios especializados e com relevância nacional no sector (nível 1);
- Territórios não especializados mas com relevância nacional no sector (nível 2);
- Territórios especializados mas sem relevância nacional no sector (nível 3);

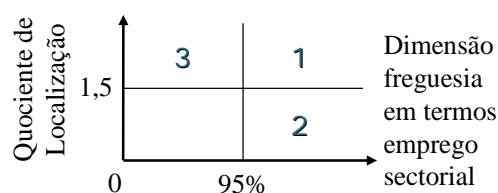
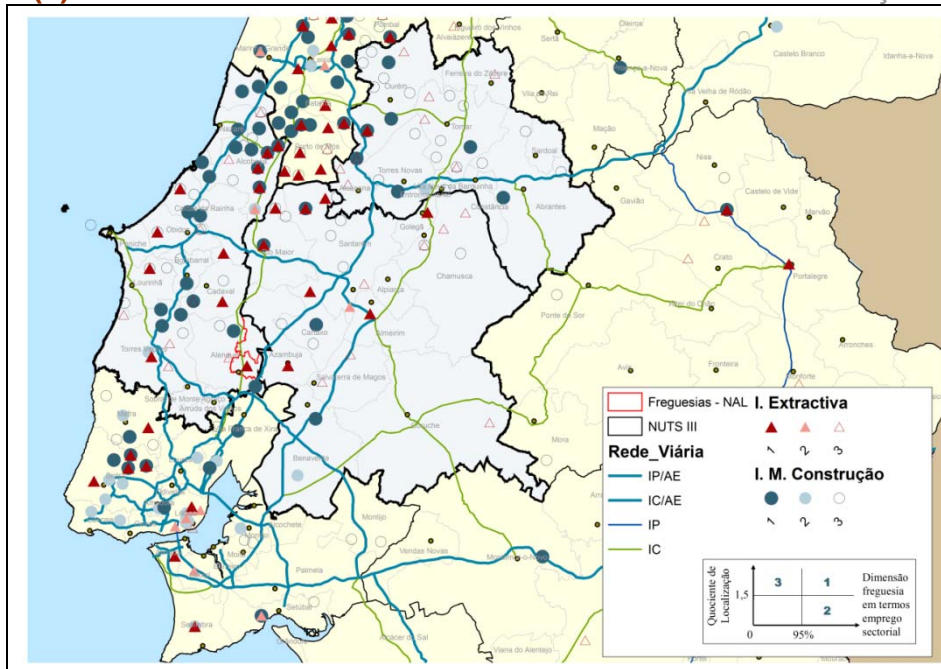
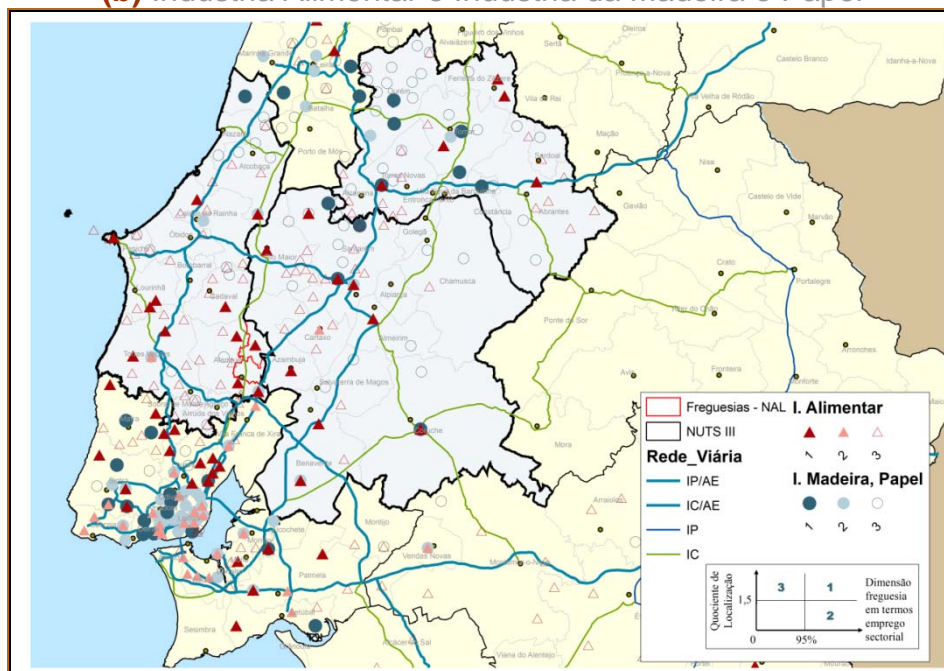


Figura 24
Territórios de Especialização Produtiva:

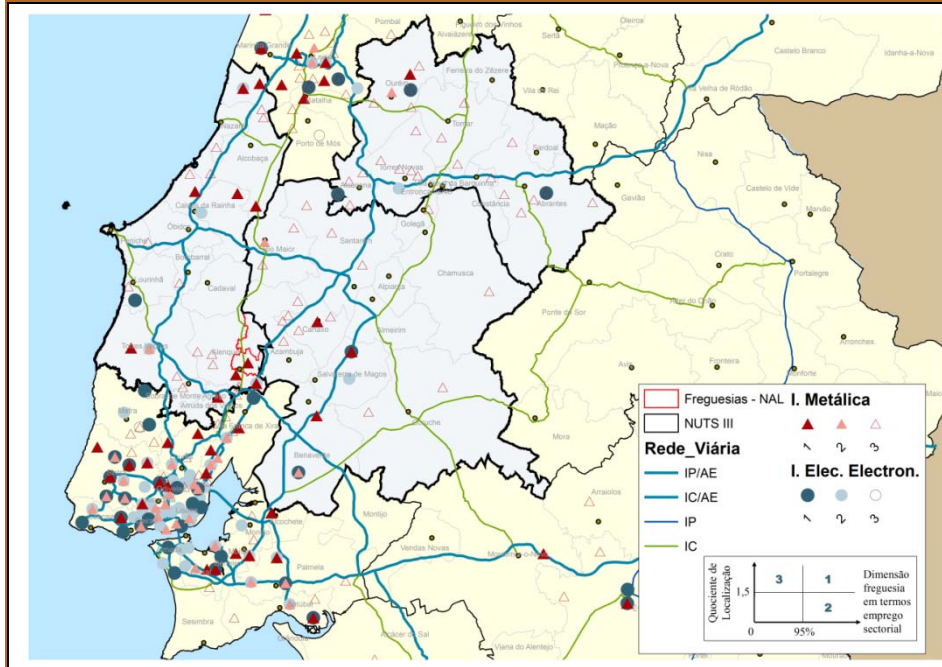
(a) Indústria Extractiva e Indústria dos Materiais de Construção



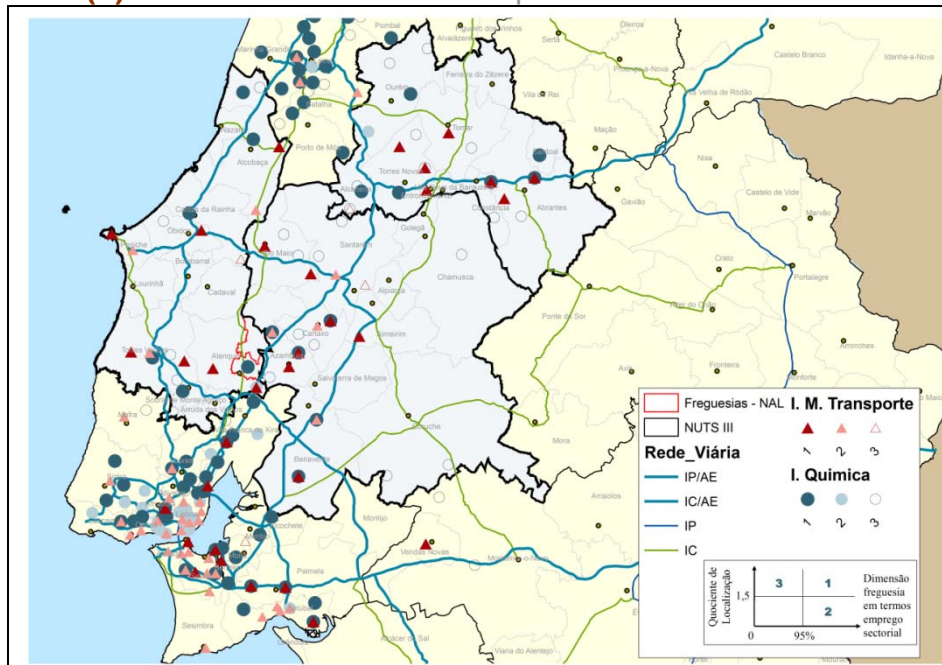
(b) Indústria Alimentar e Indústria da Madeira e Papel



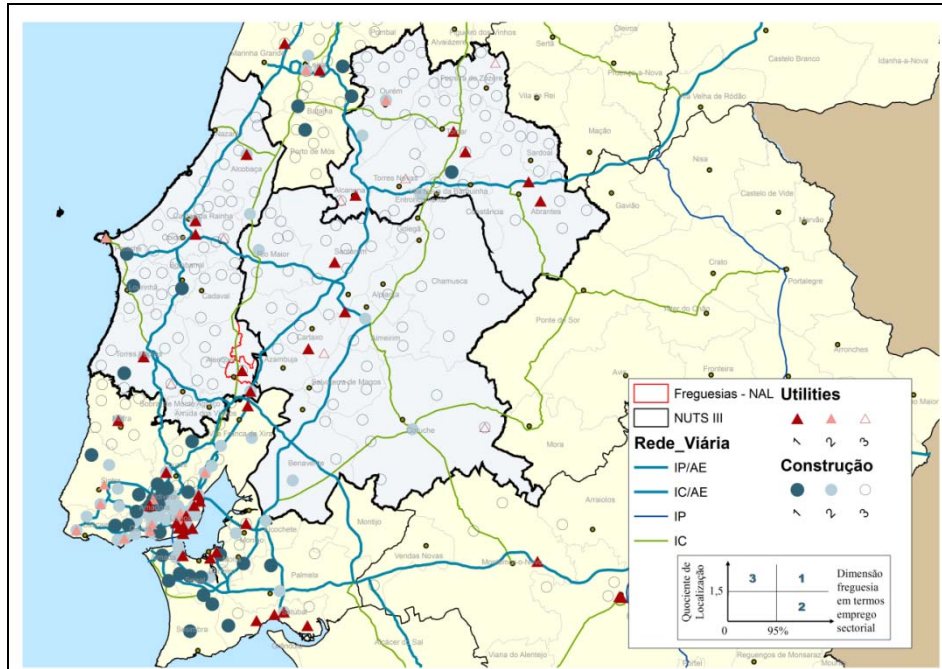
(c) Indústria Metálica e Indústria Eléctrica e Electrónica



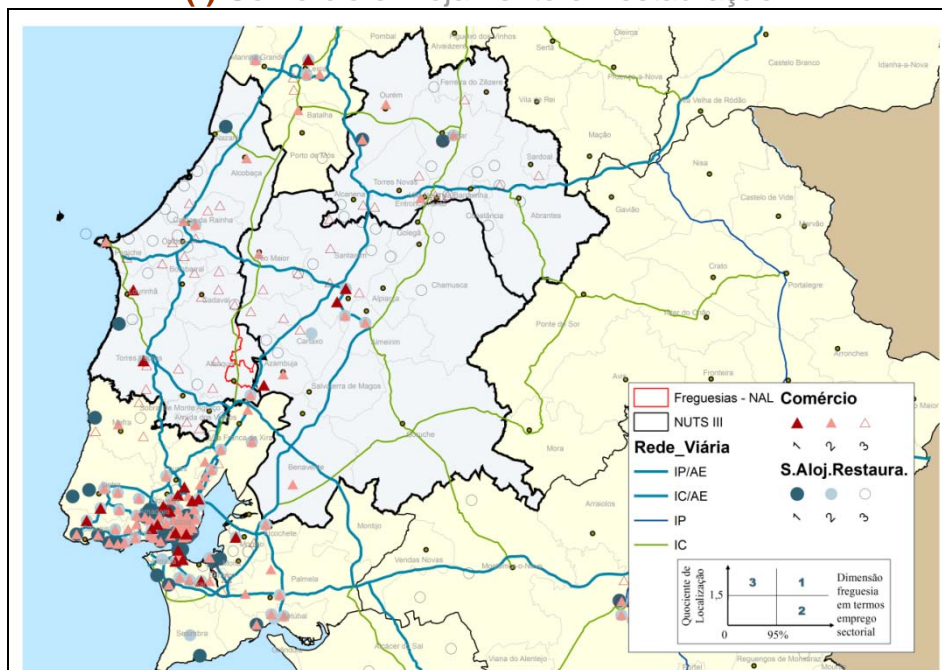
(d) Indústria Material de Transporte e Indústria Química



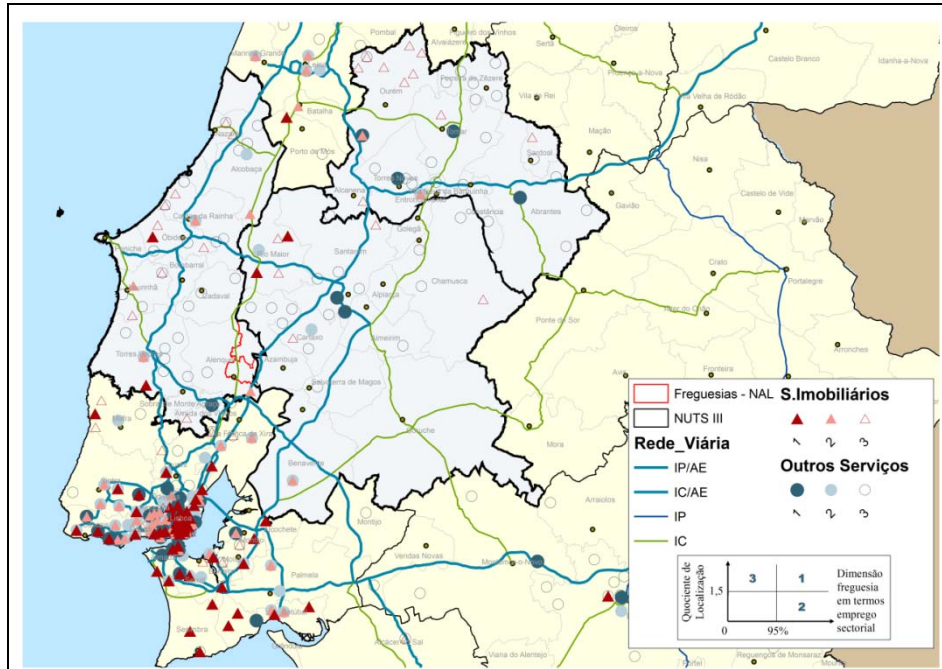
(e) Utilities e Construção



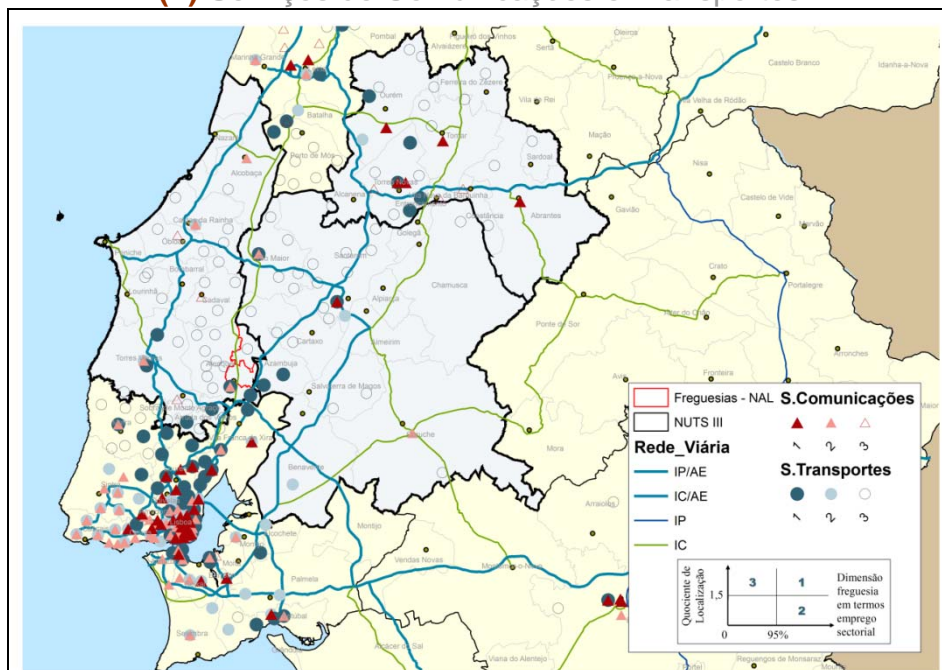
(f) Comércio e Alojamento e Restauração



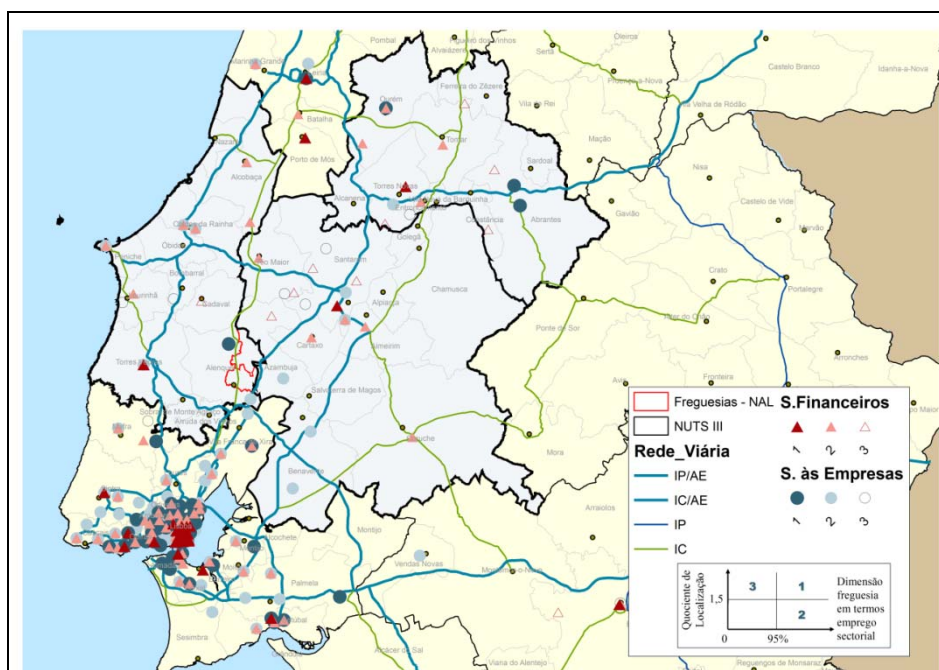
(g) Serviços Imobiliários e Outros Serviços Prestados Essencialmente às Famílias



(h) Serviços de Comunicações e Transportes



(i) Serviços Financeiros e Serviços às Empresas



SWOT e Tendências

Forças

- Património histórico, cultural e natural de grande susceptível de alicerçar dinâmicas económicas e de valorização do território;
- Condições climáticas e paisagísticas favoráveis à atracção de pessoas e actividades e ao desenvolvimento turístico;
- Especialização produtiva com forte significado na actividade agrícola registando produtividades superiores claramente superiores à média nacional;
- Presença de alguns segmentos industriais com maior intensidade tecnológica e capacidade de inovação que asseguram um nível de produtividade sectorial igualmente superior à média nacional;

Fraquezas

- Défice de capacidade organizativa do tecido empresarial quer a nível interno às empresas quer em termos de criação de redes inter-empresariais;
- Fraca capacidade de iniciativa empresarial com capacidade inovadora e ligação ao sistema de ensino e investigação;
- Forte turbulência empresarial com predominância da iniciativa empresarial de “necessidade” com fraca capacidade de sobrevivência para além dos dois primeiros anos de vida;
- Especialização nos serviços pessoais e empresariais de menor produtividade, associadas a fenómenos deslocalização do centro da AML;
- Fraco nível de escolarização e qualificação do capital humano;
- Défice de instâncias e instrumentos de nível regional intermédio que assegurem a articulação entre os vários níveis de administração pública e que resulta em excesso de intervenção dos níveis local (concelhio) e central;

Oportunidades

- Acessibilidade regional, nacional e internacional;
- Região elegível para objectivo convergência no período 2007-2013, e fronteira da região de Lisboa apenas elegível no objectivo competitividade, o que cria condições para a atractividade e localização de actividades económicas e infra-estruturas do sistema C&T nacional da área de influência da Grande Região de Polarização de Lisboa;
- Reorganização das actividades produtivas em função da localização na do futuro aeroporto internacional de Lisboa, capaz de dotar o Oeste

e Vale do Tejo a região de uma capacidade de atracção e centralidade no âmbito da Grande Região de Lisboa, com particular vocação para a área da logística, indústria e dos serviços às empresas;

- Novos estilos de vida e sofisticação de padrões de consumo que suscitem novas oportunidades ao nível da atractividade populacional e do desenvolvimento das actividades de lazer, do mercado da segunda habitação e do tele-trabalho;

Ameaças

- Incapacidade de afirmação da Grande Região de Lisboa na rede urbana à escala europeia;
- Modelo de crescimento extensivo da AML com reforço da especialização do Oeste e Vale do Tejo nas funções e actividades “repelidas” pelo centro da AML;
- Prosseguimento de um crescimento urbano extensivo e muitas vezes sem qualidade estética e ambiental desejáveis, comprometendo recursos naturais, qualidade de vida das populações e atractividade do território;